

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDEO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

BRUNA ALVES DA SILVA

Quefazeres sociais da mulher piauiense no século XIX: Dentro de discursos e representações

PICOS - Piauí.

2018

BRUNA ALVES DA SILVA

**QUEFAZERES SOCIAIS DA MULHER PIAUIENSE NO SÉCULO XIX:
DENTRO DE DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES**

Monografia submetida ao Curso de História pela universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídio Nunes de Barro, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de Graduação.

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

PICOS - Piauí.

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586e Silva, Bruna Alves da
Quefazeres sociais da mulher piauiense no século XIX:
dentro de discursos e representações / Bruna Alves da Silva. –
2018.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (42 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
História)-Universidade Federal do Piauí., Picos, 2019.

Orientador: Prof. Me. José Lins Duarte

1. Mulher-Piauí. 2. Nova Historiografia. 3. Século
XIX-Quefazeres-Cotidiano. 4. Educação das Mulheres. 5.
Discursos e representações. I. Título.

CDD 305.4

BRUNA ALVES DA SILVA

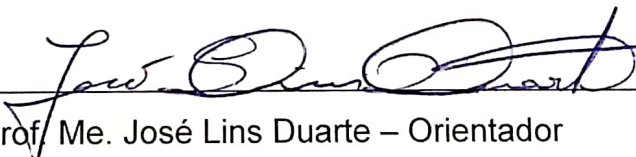
**QUEFAZERES SOCIAIS DA MULHER PIAUIENSE NO SÉCULO XIX:
DENTRO DE DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES**

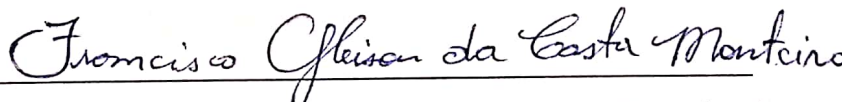
Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, como
requisito para a obtenção de nota da disciplina
de TCC II.

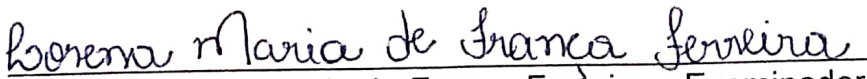
Orientador: Prof. Me. José Lins Duarte

APROVADO EM 14/12/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. José Lins Duarte – Orientador
Universidade Federal do Piauí


Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Examinador
Universidade Federal do Piauí


Prof. Ma. Lorena Maria de França Ferreira – Examinadora
Universidade Federal do Piauí

EPÍGRAFE

“Em todos os tempos, os homens tiveram medo das mulheres. A mulher é a outra, a estrangeira, a sombra, a noite, a armadilha, a inimiga. A mulher é Judite ou Dalila, que se aproveita do sono do homem para cortar-lhe os cabelos: a sua força. “

Michelle Perrot

AGRADECIMENTOS

Na vida há momentos bons e ruins, ambos servem para o nosso aprendizado. Nossa vida é feita de ciclos, é necessário que um se encerre para que outro comece.

Na passagem do livro de Josué diz assim: Somente seja forte e muito corajoso! (Josué cap. 1-7) essa passagem representa nossa vida, devemos ser sempre fortes, acreditarmos nos nossos sonhos e crer em dias melhores.

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me feito forte e corajosa, por ser meu sustento e refúgio sempre.

Agradeço a minha mãe Maria Aldeni, uma mulher forte, dedicada que não pode seguir em frente com seus estudos, mas que sempre me incentivou e batalhou comigo durante minha estadia na universidade.

Agradeço a minha Irmã um exemplo de mulher decidida, independente e corajosa. Sempre me ajudou e abriu mão de seus sonhos para me ajudar com os meus.

Ao meu namorado Jonas pela paciência, ajuda, amor e empenho. Seu incentivo me fez chegar mais longe e sua compreensão pelas minhas ausências me deram conforto para seguir até o fim.

Aos meus familiares e amigos que tanto me ajudaram nesses quatro anos. A todos sou grata e guardo cada um no meu coração.

Ao meu querido professor e orientador José Lins Duarte, esse que foi fundamental na escolha do tema, se tornou um grande amigo dentro da minha jornada acadêmica. Tens meu eterno carinho e gratidão pelo enorme coração.

Agradeço especialmente ao meu pai João pelo incentivo, amor, e lições de vida. Mesmo não tendo o conhecimento das letras, dedicou a sua vida a minha educação. O meu eterno amor e agradecimento por tudo.

RESUMO

O estudo sobre os quefazeres da mulher piauiense no século XIX tem por objetivo enriquecer e somar aos rumos tomados pela nova historiografia que tem se iniciado com a escola dos Annales pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch que teve seu início no século XX e serviu como base para o aprofundamento de muitos estudos que não tinham uma maior visibilidade. A história das mulheres passou a serem contadas de forma ampla a partir dessa abertura, bem como mais produções acerca de temas. O uso de novas fontes que não fossem os documentos oficiais também teve grande valor e permitiu aos historiadores que assim desejassem se debruçarem por numerosos temas aos qual a sua imaginação e suas fontes conseguirem cingir. Após esse desprendimento as pesquisas sobre a mulher enquanto ser social se expandiu, assim como sua ocupação nos espaços sociais. Elas passaram a serem notadas por meio de fontes documentais e não documentais e ganharam a oportunidade de serem protagonistas da sua história. Seus feitos foram sendo descritos, estudados e utilizados para mostrar a importância da figura feminina tanto para as sociedades anteriores, como para nossa realidade atual.

Palavras Chave: Mulher. Nova historiografia. Século XIX. Quefazeres. Cotidiano. Educação das mulheres. Discursos e representações.

ABSTRACT

The study on the activities of Piauí women in the nineteenth century aims to enrich and add to the paths taken by the new historiography that has begun with the school of the Annales by the historians Lucien Febvre and Marc Bloch that began in the 20th century and served as basis for the deepening of many studies that did not have greater visibility. The history of women began to be told in a broad way from that opening, as well as more productions about themes. The use of new sources other than the official documents was also of great value and allowed historians to so wish to address many issues to which their imagination and their sources can draw. After this detachment the researches on the woman as social being expanded, as well as its occupation in the social spaces. They came to be noticed through documentary and non-documentary sources and gained the opportunity to be protagonists of their history. Her achievements were described, studied and used to show the importance of the female figure both for the previous societies and for our current reality.

Keywords: Woman. New historiography. XIX century. What do you do Daily. Education of women. Speeches and representations.

Lista de Ilustrações

Quadro 01: Tabela de currículo do ensino primário na província do Piauí, 1873.

Imagem 01: Luiza Amélia de Queiroz Brandão, Primeira mulher escritora e poetiza piauiense.

Imagem 02:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1: O papel social da mulher no século XIX	14
1.1 O olhar dos viajantes sobre os quefazeres da mulher brasileira	14
1.2 A religiosidade como brecha de fuga	19
1.3 A educação das mulheres.....	23
1.4 Estereótipos femininos no século XIX.....	28
1.4.1 A mulher de elite	28
1.4.2 A mulher pobre.....	30
CAPITULO 2: Mulheres, discursos e representações no Piauí oitocentista.	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais as pesquisas em relação às questões de gênero no que se refere às diferenças entre homens e mulheres, dentro de discursos, relações de trabalho bem como ao poder e o sexismo na sociedade atual vem se tornando uma área crescente e importante para o entendimento das lacunas existentes.

Ao longo das pesquisas, leituras e conhecimentos obtidos no decorrer da graduação em história, nota-se que a diferença entre homens e mulheres em relação ao trabalho, e entre outras coisas os seus respectivos papéis dentro da sociedade geram conseqüentemente algumas inquietações pessoais e sociais.

Aderir à essa ideia de que é pertinente trazer para nossas discussões a relação do papel feminino dentro da sociedade, de que Precisamos entendê-la, estudar sobre quais seriam os lugares que ela ocupou fazendo sempre um apanhado desses Quefazeres, mostrando as extensões e se existe delimitações para essas mulheres, foi se direcionando tais questionamentos principalmente para o século XIX no Piauí.

Diante de tantas discussões levantadas por alguns autores aos quais são utilizados para enriquecer o presente trabalho, é pretendido dar continuidade a tais indagações, pois, sempre existem muitas faltas quando surgem discussões a respeito desse assunto. É notório também, que antes mesmo de ser aprofundado esse tema, há um sentimento por grande parte da sociedade, de que falta um pouco mais de entendimento sobre o espaço feminino, aceitação por parte da sociedade no que se refere principalmente em como ser o “sexo frágil” se torna alvo de críticas, preconceitos e achismos. Estão corriqueiramente, querendo enquadrar as mulheres em espaços que são vistos apenas como delas, as deixando por fora de muitos outros que também as pertencem e que foi sendo ocupado bem antes de serem aceitas nos mesmos. Estamos falando de figuras até então invisíveis no que se refere à história propriamente dita, durante muito tempo elas foram ficando a margem da historiografia, ocupando espaços e não sendo reconhecidas, nem mesmo mencionadas dentro deles.

Serão abordados alguns aspectos da rotina das mulheres oitocentistas, em particular as que viviam no Piauí, suas participações na sociedade, como não foram aceitas em serviços comuns ao sexo feminino durante aquele período. Como elas

conseguiram ser inseridas nessas atividades, quem eram essas mulheres, dentro desse viés de descontentamentos e indagações e utilizando-se das leituras feitas durante o período de pesquisas aqui serão abordados alguns dos **Quefazeres sociais da mulher piauiense no século XIX: Dentro de discursos e representações.**

Compreendemos que é preciso desvelar como elas conseguiram aos poucos alcançar esses espaços através de resistências e de esforços que não foram notados ou mostrados por alguns historiadores. Ademais, revelar um pouco mais desse seu cotidiano, a exemplo da participação dessas mulheres na sociedade em que viviam, suas relações com a religiosidade, como o status social dessa figura favorecia no desenvolvimento da mesma em determinadas funções, dentro desse âmbito social.

Sobre esse espaço em que é referido acima o autor Michel de Certeau diz o seguinte.

[...] um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções colocadas como ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (CERTEAU, 1994, p.202).

Nesse sentido, mesmo nas dificuldades de fontes, ou seja, na escassez delas, através de pesquisas o Piauí torna-se nesse momento uma região interessante apesar das documentações serem um tanto escassas. O fato das distâncias serem grandes durante o período estudado, há uma certa lentidão em termos do patriarcalismo, no qual dificultou o processo da educação feminina nessa região levantando outras discussões em relação a tal assunto.

Dessa forma, atentamos para como o modo de vida das moças foram sendo transformados com esses pequenos avanços. À medida que a mulher passa a ser inserida na educação, muitos fatos da rotina das mesmas tornam-se diferentes e começa então, uma caminhada para a inserção da mulher em outras atividades. Desse modo, escolhemos como recorte temporal o século XIX para mostrar aspectos de como eram essas mulheres no seu cotidiano. Assim sendo,

explanaremos certas vivências da vida privada, das mulheres esposas, das filhas, das pobres e das ricas.

Notadamente, percebe-se que alguns comportamentos tomados naquela época, nas repercussões perduraram até nos nossos dias. Afinal, cada passo dado fora de suas zonas de conforto, das paredes do seu lar, representam uma conquista dentro da sociedade majoritariamente masculina.

CAPITULO1: O PAPEL SOCIAL DA MULHER NO SÉCULO XIX

1.1 O olhar dos viajantes sobre os quefazeres da mulher brasileira

Quando falamos da mulher no contexto em que se refere ao seu espaço ou seus quefazeres dentro da sociedade, é importante percebermos onde historicamente essa figura é vista e a respeito dos discursos entorno da mesma, de que modo foi se enraizando, chegando assim a se perpetuar durante os séculos vindo a respingar esses descontentos na sociedade atual. É de suma relevância dizer que a contribuição delas foi negada durante muito tempo, dentro da historiografia e que suas contribuições na construção das sociedades tornaram fragmentadas devido à falta de produções a cerca. A autora Mary Del Priori possui vários livros que abordam múltiplos assuntos e torna-se também uma base importante para analisarmos algumas outras questões sobre a mulher. No seu livro *A Mulher na História do Brasil* ela discute a respeito desse fato quando a mesma expõe acerca da mulher dentro da historiografia. Essa realidade é retratada por ela quando a mesma afirma que

“Desde que no século XIX a história firmou-se como uma disciplina científica, ela tem dado à mulher um espaço cuidadosamente demarcado pelas representações e ideais masculinos dos historiadores que, até bem pouco tempo a produziam com exclusividade”. (DEL PRIORE, 1997, p. 12).

Isso demonstra, o quanto esses espaços dentro da historiografia foram sendo preenchidos de forma lenta e gradativa, mas apesar dessa tentativa de anulação da colaboração na construção da própria história e em meio aos múltiplos espaços sociais, vemos que há vários séculos, já existiam esses discursos a respeito dessas comparências da fêmea em um espaço dominado, atribuído, apenas para os machos. Para referenciar tal participação delas, os relatos de estrangeiros que estiveram presentes em solo brasileiro em diversas épocas, descrevem dentre vários aspectos, também o comportamento das mulheres, inicialmente dentro de sociedades indígenas por conta do início da exploração do território brasileiro, e, por conseguinte em outros espaços como fazendas e cidades que estavam em constante crescimento.

O que se pôde perceber é que há muito tempo e em diferentes sociedades, as mulheres tinham sua participação ativa e desempenhavam muito bem atividades que não eram consideradas femininas. Não devemos ignorar o fato de que esses viajantes estavam escrevendo sob um viés de cultura eurocêntrica, mas isso não nos impede de realizarmos um apurado olhar a respeito de como esse modo de se portar descrito pelos estrangeiros, nos ajudam a preencher lacunas e tornam-se fontes, se nós encaminharmos para o fato de que nem sempre os papéis que lhes eram atribuídos eram os únicos a serem desempenhados por elas.

No livro *Histórias das mulheres no Brasil* organizado pela historiadora Mary Del Priore, ela escreve sobre o que os estrangeiros Cornille Vytfliet e Anthoine Magin relataram a respeito da participação das mulheres de uma tribo brasileira, e suas funções dentro daquele ambiente. A autora discorre que “nos rituais antropofágicos eram considerados uma cerimônia masculina”, “No entanto, os relatos asseguram que a participação das mulheres no ritual não se fazia apenas de modo indireto” (PRIORE, 1997).

Percebe-se que, mesmo em períodos bem distantes e em outras organizações sociais essas mulheres já agiam de modo direto atuando nesses locais. Um pouco a frente Mary Del Priore fala de como os estrangeiros descrevem as índias desempenhando as funções as quais em suas vivências diárias não eram comum tal comportamento “As mulheres ocupavam uma posição de destaque, exercendo funções que supostamente seriam reservadas aos homens, valentes guerreiros” (RAMINELLE, 1997, p. 33). Mesmo com uma visão comparativa da Europa é notório que em suas rotinas diárias observando os hábitos corriqueiros foi algo destacado em seus relatos ao descreverem essas nativas atuando em uma posição até então masculina.

Dessa forma, tal estudo abre espaço para continuar as discussões sobre os papéis que cada um irá desenvolver posteriormente em outras épocas. O entendimento a respeito de como os papéis eram bem distribuídos, entre homens e mulheres em várias sociedades, só comprovam como a saída delas desse padrão de tarefas é algo existente em variados tipos de sociedades nas quais vão se intensificando com o passar dos tempos proporcionando as demais gerações possibilidades de atuação no meio em que vivem.

Mais adiante um pouco, a autora nos dá espaço para a continuação da discussão. O ambiente familiar geralmente era um lugar onde as senhoras, moças,

poderiam interagir de forma mais desinibida, por ser um local destinado para elas, por tanto, utilizavam esses espaços a seu favor. Uma forma de afirmar isso se encontra na descrição dada pelos forasteiros no Brasil quando fazem objeções a respeito das vestimentas usadas por essas senhoras dentro de suas moradias. Sobre essa questão, a autora traz esse discurso em um parágrafo dessa maneira:

“Desleixo, descaso, desmazelo. Em suma, abandono (cuidadosamente estudado?) de maiores cuidados com a aparência, na languidez sensual e preguiçosa das que viviam cercadas de escravas ou das que apenas descansavam depois do trabalho duro. E assim elas foram vistas por estranhos que não deixavam de notar, como Luís dos Santos Vilhena, no final do século XVIII, ser hábito generalizado das mulheres “andarem dentro em suas casas em mangas de camisa, com golas tão largas que muitas vezes caem e se lhes veem os peitos”, além de “muitas vezes descalças e de ordinário sem meias, com camisas de cassa finíssima e cambraia transparente”. Ela mesma época um inglês confirma isso ao escrever que “o vestuário comum das senhoras é uma saia, que usam sobre a camisa. Esta é feita de musselina mais fina, sendo geralmente muito trabalhada e enfeitada”. E seu olhar não deixava de deslizar gulosamente por corpos à mostra e tão à vontade: a tal camisa “é tão larga no busto que resvala pelos ombros ao menor movimento, deixando o busto inteiramente à mostra. Além disso, é tão transparente que se vê toda a pele”, completa deliciado o inglês. Contemporâneo desses dois, um viajante no Rio de Janeiro dizia que elas se vestiam dessa forma em casa, “quando entre amigos íntimos”. E, pelo visto, elas se compraziam com semelhantes transparências e seios à mostra, tamanha a insistência do fato nos escritos. Mas temos também o olhar feminino de Mary Graham, que não apreciava o que via, e via o mesmo que os homens: “As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios.”, fulminando com azedume que, ao chegar nas casas, quando as mulheres apareciam”. (ARAUJO, 2004).

A forma como se portavam em casa, aponta o quanto o lar pertencia a seus comandos. Elas tomavam conta das escravas, de uma boa parte dos criados, filhos e do marido. No caso em que elas não eram de uma posição social elevada, ou seja, que não possuíam empregados cuidavam dos seus lares sozinhas, mas de modo geral aqueles espaços lhes pertenciam. Elas se utilizavam dele de modo que se tornavam autoridade dentro daquelas paredes. Segundo o historiador Michel de Certeau em seu livro *a Invenção do Cotidiano*, o mesmo parte por meio de uma análise não do indivíduo, mas do meio em que ele vive, o espaço que o mesmo

pratica a sua sociabilidade naquele meio. O autor descreve o seguinte sobre a sua obra:

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 2008, p.35).

É possível notar que desde os tempos mais antigos as mulheres exerciam funções as quais não eram endereçadas a elas. Mais que isso, desenvolvia e encontravam seus próprios meios para isso e chegavam até a desempenhar algumas dessas ocupações sem que isso se tornasse algo conflituoso, nas brechas de atividades do dia-dia, iam se satisfazendo a seus modos.

Dentro de certos discursos foram se consolidando tudo que se dizia respeito à forma a qual as mulheres deveriam se portar e onde seriam seus espaços destinados desde sempre. Assim sendo, tornasse necessário salientar que em meio a toda essa tentativa, ainda assim, elas aparecem de maneira mais sutil em alguns aspectos e em outros de forma marcante, mas, sempre exercendo alguns papéis importantes, de certo modo. Mesmo no século XIX, é possível notar a participação delas. Bem como foi dito, existem determinados fatores que fomentaram a ideia de que a mulher deveria ter como função principal a de ser mãe e a ela ser destinada apenas as atividades domésticas e as que eram fora do lar, não era cabíveis pois os espaços além de casa, eram designados aos homens.

A igreja em um determinado período foi uma grande contribuinte no crescimento desse pensamento, ela auxiliada pela medicina daquele período acabou por sentenciar a figura feminina a se portar apenas como boas filhas, esposas, mães e no meio social, manterem-se mulheres de respeito se comportando conforme os desígnios bíblicos.

Junto à igreja, entra um discurso médico que auxilia no argumento de que elas são impedidas de certas funções sócias, não apenas bíblicamente, mas também anatomicamente. Quando são destinadas a elas a obrigação de serem mães, desempenhar outra função é desacatar as ordens naturais dadas divinamente por Deus. No livro da autora Mary Del Priore Histórias íntimas: sexualidade e

erotismo na História do Brasil, a mesma faz menção desses discursos a respeito da sexualidade feminina.

“á mulher só cabia uma função: ser mãe. Ela carregou por quinze séculos a pecha imposta pelo cristianismo: herdeira direta de Eva foi responsável pela expulsão do paraíso e pela queda dos homens. Para pagar seu pecado, só dando à luz entre dores. Os médicos, no século XVI, acabaram por definir o desejo sexual como algo negativo e mais feminino do que masculino. O coito não era necessário ao homem para a conservação da saúde, diziam. Mas, se a mulher fosse privada de companhia masculina, ela se expunha a graves riscos. A prova era a “sufocação da madre”, nas viúvas, freiras e solteironas: “É uma fome ou sede desta tal parte Doença que só cessa com o socorro do macho”.¹

Afirmção dos médicos sobre a necessidade que a mulher naturalmente possui do homem, alavanca o discurso religioso, transforma verídico tal informação e isso se torna um peso a mais na disseminação dessa concepção onde as mesmas são privadas até mesmo do desejo sexual. Com isso, a religião agora interferia de modo direto, dado que nesse período a igreja católica tinha grande influência e poder sobre as pessoas. Desse modo, ela será responsável por apoiar o discurso masculino e ditar os modos em que as mulheres viviam e agiam em relação a praticamente tudo, desde as atividades corriqueiras, sua forma de vestir, como cuidar dos filhos, do marido... etc.

Toda essa fala em relação à figura feminina justifica o porquê desse medo de pensar e que se perpetuou até os dias atuais, essa forma de condução se enraizou e foi necessário que encontrassem dentro dos espaços disponibilizados as mesmas uma forma de resistência e saída das suas zonas de conforto. Uma forma bem significativa que veremos mais a frente será a utilização da própria religião como um modo de variarem a rotina e saírem porta a fora, a possibilidade de percorrerem outros espaços através da igreja.

Esse período em questão, as mudanças no modo de vida em que as pessoas estavam saindo do campo para as cidades que por sua vez estavam em constante crescimento, também iria influenciar no novo olhar daquelas que estavam habituadas apenas a rotina da vida no campo, mesmo que o urbanismo fosse para

¹DEL PRIORE, Mary. Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.254p. p 24.

elas apenas rumores, ou uma realidade muito distante. Assim, as que viviam nos ambientes das fazendas foram aos poucos rompendo também com alguns padrões. Nesse encaminhamento, a autora Terezinha Queiroz aborda da seguinte forma sobre as aulas particulares em ambientes não escolares

[...] Foram uma constante no panorama educacional do Piauí desde a primeira metade do século XIX. Elas existiram em grande número em Teresina, bem como nas vilas e nas próprias fazendas, pois a instrução pública no interior era ainda mais deficiente do que na capital. (QUEIROZ, 2008, p. 45).

A educação deve ser vista como um forte elemento onde apesar de precária, era existente, havia o interesse da alfabetização e em lugares tão distantes como no caso das fazendas. Isso não é nada muito exorbitante, mas que é um primeiro passo rumo à notoriedade delas, principalmente as que viviam nas fazendas que estavam bem mais afastadas desse início de desenvolvimento do papel feminino na sociedade. Assim também, com o passar do tempo algumas mudanças na visibilidade das suas participações ajudaram nesse processo.

A história das mulheres é uma área ainda recente que surgiu após a Nova História que deu visibilidade a imagem delas trazendo a luz a pluralidade e suas particularidades com base na utilização de fontes até então não consideradas como tais. Essas novas visões que eram descartadas, agora se tornam essenciais para ampliação das produções da nova historiografia. “Processos da Inquisição, processos-crime, leis, livros de medicina, crônicas de viagens, atas de batismo, casamento, óbito, diários, cartas, fotos” entre outros.

Com outras visibilidades agora surgem novas possibilidades de observação à cerca dessas fontes abrindo um leque de viabilidades que estão à disposição dos historiadores que assim desejarem seguir por esse caminho. O efeito de tudo isso, é o aparecimento de vozes que antes não eram ouvidas e o descobrimento de um universo vasto que colaborou e muito para a sociedade da época, repercutindo na atual.

1.2 A religiosidade como brecha de fuga

A religiosidade, a participação das mulheres nas atividades religiosas da perspectiva delas tornou-se uma forma de se livrar de suas rotinas diárias. Ao passo

em que a sociedade criava uma forma de restringir esses espaços femininos como à religiosidade que impunha um sistema de “monitoramento” da salvação das almas em que a mulher deveria ser a principal responsável por tal ato. Nessa trajetória, a igreja, sua ocupação nesse espaço resultaram em uma grande aliada das que desejavam sair das suas rotinas diárias. O fato de estarem envolvidas nas festividades e organizações da igreja serviu como pano de fundo para esses atos. Mesmo, com o olhar vigilante e constante de todos sobre elas, era preciso encontrar maneiras seguras que as fizesse sair um pouco daquele ambiente, sendo uma dessas formas, as idas a igreja.

Destarte a figura feminina era responsável por rezar pelo perdão dos pecados dos familiares, tendo como missão importante a de rezar pela salvação dos demais. Essas atitudes eram a de mulheres respeitadas e zelosas, costume esperado pela sociedade. E sobre as moças Mary Del Priore ressalta o comportamento devido por parte delas nesse período.

“Corre a missa. De repente, uma troca de olhares, um rápido desvio do rosto, o coração aflito, a respiração arfante, o desejo abrasam o corpo. Que fazer? Acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas, nada podia fazer, exceto esperar. Esperar que o belo rapaz fosse bem-intencionado, que tomasse a iniciativa da corte e se comportasse de acordo com as regras da moral e dos bons costumes, sob o indispensável consentimento paterno e aos olhos atentos de uma tia ou de uma criada de confiança (de seu pai, naturalmente). Esse era o estereótipo, o bom modelo, o comportamento que se esperava no despertar da sexualidade feminina”²

É claro que as coisas não chegavam a sair cem por cento dessa maneira, a partir das portas da igreja, se abriam muitas outras que não eram vistas pelos familiares dessas moças e senhoras. A ida a igreja era uma forma de mudarem sua rotina do lar tendo assim uma maior participação na sociedade de maneira sutil, porém, existente. A igreja ditava as regras e as mulheres eram a principal preocupação dessa instituição. Havia um grande propósito por parte de alguns da sociedade, estado e também igreja.

²DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p. p37.

“Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas”³

Esse discurso é atrelado a interpretação da bíblia, cuja igreja sempre faz menção do pecado de Eva no paraíso. Assim como a primeira mulher, “Ela também carregava peso do pecado original e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto”.⁴

Para escapar dessa vida corriqueira, elas aproveitavam os momentos que eram oferecidos pela igreja, por exemplo, e circulavam por meio deles aproveitando e se fazendo presente nesses lugares. As festividades religiosas eram boas ocasiões para mostrarem seus charmes, mesmo que de forma sutil.

“Faceirice asseada, alinhada, a exibida pelas senhoras e suas escravas. Só que essas mesmas senhoras e suas filhas podiam exercer sua sexualidade justamente ao inverso, no descompor programado, no desarranjar excitado, no desalinhar abandonado. Isso acontecia em público por ocasião do festejo do Entrudo, comemorado dois dias antes da quarta-feira de Cinzas, origem do Carnaval brasileiro. Era uma festa barulhenta e violenta em que as famílias, dos balcões de suas casas, travavam verdadeiras batalhas com os vizinhos do lado e da frente (as ruas eram muito estreitas), arremessando uns nos outros ovos, jatos d’água de bacias ou de seringas e cápsulas de cera com água perfumada que se quebravam facilmente ao atingir o alvo. Semelhante bulha, no entanto, tinha lá suas regras: as mulheres podiam molhar-se umas às outras, assim como os homens podiam encharcar as mulheres e estas tinham o direito do revide, mas seria inconveniente um homem fazer o mesmo a outro. Como se vê, as mulheres eram o alvo privilegiado, e pode-se imaginar como elas se compraziam, coquetes e dengosas, em serem molhadas e se mostrarem molhadas. Trajes sumários, trajes excessivos, trajes descompostos, todos eram artifícios culturalmente aceitos e admirados para incitar o desejo masculino, confirmar posição social e sublinhar a sedução do feminino.”⁵

³DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p.p37.

⁴DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p.p48.

⁵DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p.p49.

Nessas ocasiões festivas, elas ficavam responsáveis por decorar os locais, podiam transitar livremente neles e aproveitavam para fazerem paqueras, namorarem escondidas e se fazerem presentes no recinto juntamente com todos, durante essas primeiras ocasiões que ajudaram na inserção delas de modo mais “aberto”.

A igreja nem sempre conseguiu dominar a sexualidade feminina, mesmo sendo tão autoritária algumas mulheres cometiam pecados graves, como o adultério. Aproveitavam as viagens dos maridos, e na ausência dos mesmos, sucumbiam aos desejos não atendidos por eles. Mary Del Priore cita como os estrangeiros viam esses fatos.

“Outro viajante francês, Le Gentil de La Barbinais, indignado, disparou que “os costumes neste país são corrompidos e o homem exibe um rosto que jamais cora. “As mulheres não são menos dissolutas: elas vivem numa desordem pública”.⁶

Ainda sobre isso, “Pyrard de Lavai, que passou por Salvador em 1610, foi o único a narrar e deixar registrado em seus diários de viagem suas aventuras:

“Não posso deixar de contar o que me aconteceu lá. Um dia em que passeava sozinho pela cidade [...] encontrei uma jovem escrava negra de Angola que me disse, sem maior conhecimento e sem cerimônia, que a seguisse com toda confiança, pois queria levar-me a um homem honrado que desejava falar comigo. Parei para pensar um pouco se devia fazê-lo ou não, e fiar-me no que ela me dizia. Afinal resolvi segui-la para ver o que aconteceria. Fez-me dar mil voltas e desvios pelas ruelas, o que me deixava bastante temeroso a cada passo e quase resolvido a não prosseguir, mas ela me encorajava e acabou por introduzir-me numa residência assaz bela e grande, bem mobiliada e atapetada, onde só vi uma jovem senhora portuguesa que me deu muito boa acolhida e preparou-me excelente merenda; e vendo que meu chapéu era ordinário, tirou-moda cabeça com suas próprias mãos e deu-me um novo, de lã espanhola, com um belo cordel, fazendo-me prometer que voltaria a vê-la, e que ela me trataria bem e me daria prazer no que pudesse. O que não deixei de fazer: fui vê-la frequentemente enquanto lá permaneci, e ela fez-me uma infinidade de cortesias e favores [...] Fiz também um outro conhecimento e amizade com uma jovem mulher portuguesa natural do Porto, em Portugal, chamada Maria Mena, que era estalajadeira e tinha uma taberna, e tanto que não deixava de beber e comer ali, pois ela me dava quando eu queria, sem dizer nada ao marido; dava-me dinheiro para pagá-la[depois]

⁶DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p.p 50.

diante dele, e chamava-me de seu companheiro. Em suma, as mulheres lá são muito mais acessíveis e mais amigas de estrangeiros que os homens.”⁷

Fica claro que na ausência de seu marido, na companhia apenas de sua criada, a senhora da casa era quem tomava as decisões necessárias para o bom andamento do lar. Sobre esse olhar estrangeiro, ele ressalta a liberdade a qual essa senhora lhe oferece agrados, como o chapéu, e outros que ele deixa subtendido dentro de sua fala. O fato de serem fortemente pressionadas pelas sociedades, não as deixavam totalmente impossibilitadas de realizarem seus desejos.

1.3 A educação das mulheres

Diante das explicações a respeito da mulher, torna-se importante e essencial falar da educação dessas, que até então iam mudando pouco a pouco os seus hábitos corriqueiros, e relatar como a educação se torna um ponto positivo na inserção, não só das mulheres, mas também da população que tinham acesso a tal privilégio nas sociedades que estavam em um momento de crescimento da urbanização.

No que se refere às discussões sobre a educação, esse assunto estava sendo pautado em várias outras localidades e nas diversas províncias, dado o fato de que o analfabetismo era um fator presente dentre a maioria dos cidadãos da época. Sobre isso, o autor Faria Filho em seu livro *Instrução Elementar no século XIX*, que aborda o caminho percorrido pela educação no Brasil em 500 anos discorre sobre o aumento desse interesse em expandir a educação relatando que

Observa-se, nesse momento, em várias províncias, um vertiginoso crescimento dos ‘conhecimentos escolarizados’, ou seja, há um aumento significativo daqueles conhecimentos, que se esperava a escola deveria ensinar aos alunos.

⁷DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanesi, 1997. São Paulo: Contexto, 678p.p 65

O autor fala do aumento do interesse de escolarização da população no Brasil e do que se esperava do ensino ofertado a esses alunos.

No Piauí durante o século XIX, após a mudança da capital Oeiras, para Teresina ocorrida em 1852 dá-se início ao processo de urbanismo nesse local. Após essa transição fomenta-se a disponibilização da escolarização aos cidadãos da então capital. E mesmo que de uma forma precária, dá-se andamento a essas aulas. A autora Teresinha Queiroz pesquisa a respeito desse início de processo educativo no Piauí quando ela descreve a respeito das aulas.

[...] Foram uma constante no panorama educacional do Piauí desde a primeira metade do século XIX. Elas existiram em grande número em Teresina, bem como nas vilas e nas próprias fazendas, pois a instrução pública no interior era ainda mais deficiente do que na capital. (QUEIROZ, 2008, p. 45).

Nessa explanação a autora refere-se ao lecionamento das primeiras letras nas vilas e fazendas fazendo menção de que esse ensino era realizado de forma mais individual já que não havia um espaço ainda para serem administradas essas aulas o que se tornou muito comum nesses anos. Considerando o fato de que o período aqui retratado constitui uma diferente forma de ensino aprendizagem é preciso levar em conta algumas informações sobre a organização da educação nessa província do Piauí, que agora torna-se capital. Seu ensino estava dividido respectivamente em: Primário que consistia na educação com escolas de primeiras letras, e também o secundário preexistido pelo Liceu Piauiense e profissionalizante

Apesar desse ensino de primeiras letras serem acessado apenas pelas mulheres de boa posição social, só o fato delas terem acesso a educação como um meio alternativo, e o conhecimento mesmo que de maneira diferente da que temos nos dias atuais, fez com que muitas descobrissem que existiam múltiplas possibilidades para além das suas perspectivas.

“A educação especificamente no período oitocentista surge inicialmente para as moças das classes mais altas influenciadas pelo modelo europeu aonde a figura feminina saber ler e escrever já era comum na Europa. “na segunda metade do século XIX, com o incremento da vida urbana, as mulheres de elite precisavam ter algum polimento mostrar crescimento da vida mundana exigia das mulheres de elite que soubessem ler e escrever que tivessem

conhecimentos musicais, literários e artísticos. Era preciso também que falassem outras línguas como francês, inglês e alemão.”⁸

A instrução das mulheres que tinham acesso a essa oportunidade, sobretudo as de elite, surgem como um interesse por parte dos pais que eram pertencentes a elite e desejavam instruir suas filhas por diversos motivos. O dote seria o principal, já que uma filha com diversas aptidões, culta e que sabia se portar em qualquer ocasião atrairia bons pretendentes e conseqüentemente um dote bem generoso, além é claro, do prestígio que a família ganharia ao realizar um casamento satisfatório que era o interesse dos patriarcas das famílias. Nessa ocasião, algumas mulheres se apropriaram dessa oportunidade dada pelos pais e se dedicavam mesmo a essa tarefa.

Os conhecimentos dados a elas não eram apenas sobre ler e escrever, diferente dos homens elas aprendiam regras de etiquetas, como serem boas esposas sendo orientadas sobre como bordar, cuidar dos filhos, cozinhar, dentre várias outras coisas, sempre as conduzindo de modo a não fugirem desse padrão já delineado há tanto tempo. Podemos analisar no currículo do ensino primário, na província do Piauí em 1873 as disciplinas cursadas por homens e mulheres no período em questão.

ENSINO PRIMÁRIO – 1º GRAU (vilas e freguesias)	ENSINO PRIMÁRIO – 2º GRAU (cidades)
SEXO MASCULINO	SEXO MASCULINO
Moral e Religião, Leitura, Caligrafia, Elementos de gramática portuguesa, as quatro operações fundamentais de Aritmética e sistema métrico decimal.	Além das matérias do 1º grau mais elementos de Geografia e História Universal, Sacra e do Brasil, as quatro operações fundamentais de Aritmética sobre números inteiros, quebrados e proporções com aplicação à regra de juros.
SEXO FEMININO	SEXO FEMININO
Todas as matérias supramencionadas	NO TEXTO DA LEI, NÃO HÁ

⁸CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres Plurais. A condição feminina em Teresina na Primeira República. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996 p.68.

mais os trabalhos de agulha.	ESPECIFICAÇÃO.
------------------------------	----------------

Quadro 01: tabela de currículo do ensino primário na província do Piauí, 1873.

Fonte: Regulamento n.80, 20.10.1873, Coleção Leis e Decretos do Piauí, APPI. In: COSTA FILHO; Alcebiádes. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí, 1850 -1889. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006. p.92.

Como é visto nesse quadro, as disciplinas destinadas a mulher sobretudo as mais pobres e que estavam afastadas da cidade tinham um ensino mais básico voltado as atividades do lar ou ensino das agulhas como era chamado. Apesar, de esse ensino levar sempre para as funções que já eram destinadas a elas, algumas delas se valeram dessa oportunidade para poder ter acesso a outros meios de distração que não fosse o rotineiro lar.

E quando se é colocado que esse novo modo de vida permitiu a ascensão mesmo que lenta delas na participação além do lar, não para todas, por que para as mais pobres as oportunidades só chegaram posteriormente como vimos na datação do quadro da grade curricular. Isso implica dizer que as moças de elite tiveram seu acesso a escrita um pouco antes das mais pobres. As de classes mais baixas, não tinham esse privilégio de início, pois, precisavam ajudar nas tarefas de casa e seus pais não viam importância e nem podiam arcar com as despesas de oferecer essa instrução as suas filhas. Mesmo assim, alguns conseguiram aprender de maneira rasa a leitura e escrita embora fosse tão árdua essa realização.” As escolas continuavam poucas e precárias, por isso boa parte do ensino das mulheres de elite era feito na Europa, por colégios de religiosas no Brasil, ou ainda por preceptoras europeias principalmente francesas que morassem no país”⁹.

Ainda sobre o ensino precário do Piauí durante esse período Luciano Mendes diz o seguinte:

(..) perceber por um lado, que se queria generalizar os rudimentos do saber *ler, escrever e contar*, não se imaginando, por outro lado, uma relação muito estreita dessa escola com outros níveis de instrução: o secundário e o superior. Assim, pode-se afirmar como muitos faziam à época, que, para a elite brasileira, a escola para os pobres, mesmo em se tratando de brancos e livres não deveria ultrapassar o aprendizado das primeiras letras. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira;

⁹CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres Plurais. A condição feminina em Teresina na Primeira República. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996 p.69.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 136.

A educação ainda não era uma prioridade, sobretudo para os mais pobres, e ainda mais se fosse mulher. Mesmo diante da falta de escolas e outras dificuldades existentes, surgiam oportunidades para atuar na área da educação, para as moças mais pobres. Essas senhoritas viam mesmo na precariedade da profissão, oportunidade de fazer parte de um pequeno espaço que surgia no meio desse impasse.

“à parca renumeração acabou por afastar muitos homens do magistério e dar espaço as mulheres principalmente nas escolas primárias onde o trabalho de ensinar crianças começava a ser visto como função feminina e mesmo uma continuidade das atividades maternas”¹⁰.

À medida que isso acontecia, elas tomavam parte de uma realidade antes muito distante. E os locais que antes não eram frequentados por elas, passaram a fazer parte da sua rotina e possibilitou que ampliassem seus conhecimentos a ponto de terem uma pequena autonomia, mesmo ganhando pouco, isso já representava uma ruptura em relação às concepções sobre seu espaço naquele período.

No Piauí essa realidade também crescia a passos lentos. Além do mais, a tendência desse ensino era voltada ao doméstico, pois ele visava a boa educação atrelada ao ambiente de casa, família, maridos e filhos não tão diferente dos outros lugares.

Passando a analisar a educação feminina especificamente em Teresina, no final do século XIX de início ao XX, podemos observar que ela continuava a ser notadamente direcionado ao aprendizado de atividades domésticas. A casa continuava a ser o espaço reservado à mulher, por isso sua educação voltava-se preferencialmente para o aprendizado de atividades como cozinhar, cuidar da casa, dos filhos, costurar, bordar e outros serviços domésticos quase sempre ensinados pela própria mãe.

¹⁰SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: mito e Realidade. São Paulo: Quatro Artes, 1969. p. 263

O que se nota é que aqui no Piauí o fenômeno da educação chega um pouco mais tarde se comparado a outras regiões do nordeste. E houve essa resistência por parte das famílias que aqui residiam, e as moças mais pobres continuavam sem ter muito acesso a isso. Ao passo que a convivência delas em festas, bem como na organização que era responsabilidade da senhora, houve a necessidade de ensinar como ela deveria agir em tais ocasiões. A oportunidade surge para as que já tinham esses domínios de leitura e escrita. Em jornais do final do século XIX há anúncios das moças e senhoras que ensinavam essas primeiras letras a meninas, senhoras que desejassem. Sendo essa via domicílio. “Corina Rosa da Paz, com permissão de seu pai, o capitão Manoel Raimundo da Paz, declara ao público, e particularmente aos senhores chefes de família, que do dia 1º de maio próximo, em diante ensinará primeiras letras a meninas e pessoas do seu sexo, em casa de sua residência.(...) farão parte do ensino os trabalhos de agulha.”¹¹

Conforme consta no anúncio é com a permissão do pai, do contrário não iria estar exercendo tal “trabalho”, nota-se também que a mesma tinha posição social elevada, filha de capitão e que recebera boa educação, tomando assim a iniciativa de passar adiante os conhecimentos adquiridos anteriormente.

Houve o aparecimento também de escolas particulares administradas pelas freiras onde a educação era apenas para as mulheres. Posteriormente, há o aparecimento de escolas públicas, mas que ainda não eram tão bem estruturadas. A educação tornou-se uma via de fuga para um mundo ainda não explorado por essas mulheres.

1.4 Estereótipos femininos no século XIX

1.4.1 A mulher de elite

Para relatar algumas alterações na rotina dessas donas de casa, é preciso expor que o aumento populacional de atividades na área urbana, como o aparecimento de teatros, cafés, clubes e outros espaços públicos provocou consideráveis mudanças nesse aspecto da vida cotidiana de todos e principalmente das mulheres:

¹¹ AULA particular. A Época. Teresina, ano III, n 402. p. 3,28 abr.1886

“A senhora de classe alta, agora frequentava esses espaços que antes não existiam, as mulheres que antes levava uma vida predominantemente doméstica passavam a frequentar cada vez mais as ruas e suas novas atrações”.¹²

O surgimento de novos atrativos, davam a elas um lazer que antes não era possível, causando nelas um desejo que as levavam a se interessarem por outros afazeres. Teresinha Queiroz descreve a atração do teatro como sendo algo bastante ascendente aqui no Piauí. Também relata do interesse das mulheres em participar das apresentações musicais que ocorriam no teatro. O interesse em tocar algum instrumento era pretensão de algumas mulheres.

“associada essencialmente a delicadeza de sentimentos, a música foi relacionada fatalmente a mulher, também ela vista como um elemento civilizador e de atuação decisiva sobre os homens, sobre tudo sobre os maridos e filhos”¹³.

Certamente como está descrito pela autora, a música caiu como uma luva, claro que nem todas recebiam autorização dos maridos para aprenderem a tocar e algumas das que aprenderam não podiam se apresentar em locais como os teatros. Porém surge à oportunidade de elas poderem mostrar em festas particulares toda sua elegância ao tocar um instrumento. Para os maridos, era interessante, pois, mostravam a civilidade de suas esposas, demonstrando assim que fizeram um bom negócio ao se casarem com uma mulher tão culta. Sobre isso o autor José de Alencar em uma de suas obras intitulada; *Diva perfil de mulher*, ele fala sobre a mulher de elite que se prepara através da educação das primeiras letras para brilhar em meio a alta sociedade, que espera dela numa espécie de “prova de fogo” se portar conforme fora educada. Ele diz o seguinte:

Essa moça tinha desde tenros anos o espírito mais cultivado do que faria supor o seu natural acanhamento. Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com o olhar perspicaz, embora através das ilusões douradas. Sua imaginação fora a tempo educada: ela desenhava bem, sabia música e a executava com mestria; excedia-se em todos os mimosos labores de agulha, que são prendas da mulher [...]. Mas faltava ainda à inteligente menina o tato fino e o

¹²CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais. A condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996p.39.

¹³QUEIROZ, Teresina de Jesus Mesquita. *As diversões civilizadas em Teresina: 1888 – 1930.*/Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz. – Teresina: FUNDAPI, 2008p.23.

suave colorido que o pintor só adquire na tela e a mulher na sala, a qual também é tela para o painel de sua formosura. Foi nas reuniões de dona Matilde que Emília deu os últimos toques à sua especial elegância (ALENCAR, 1980, p. 15, 16). _____. *Diva: perfil de mulher*. São Paulo: Ática, 1980.

Essas damas de maneira discreta se aproveitavam desse ego masculino e conseguiam de maneira lenta sair desse seu estado de apenas estarem executando coisas corriqueiras. Devemos pensar nesse momento como um grande influenciador das novas ocupações femininas. Algo considerado tão irrelevante para alguns, mas encorajou a essas damas de maneira tão impactante a ponto de algumas delas saírem mundo a fora trabalhando com apresentações de música. Também nesse período, ocasiões como casamentos, batizados e festas solenes da igreja começam a ter a música presente nessas festividades e as mulheres eram bem-vindas, já que nesses espaços eram mais bem aceitas e menos criticadas do que em outras ocasiões.

1.4.2 A mulher pobre

Quando se discorre sobre estereótipos femininos a vida cotidiana das mulheres que não pertenciam à elite dessa época, precisa ser mencionada mesmo havendo poucos relatos sobre as mesmas ou de maneira geral;

“Como se não bastasse, ainda surgem outras dificuldades: o aspecto interdisciplinar que o objeto exige; a diversidade da situação da mulher no período imperial brasileiro, tanto nos aspectos regionais quanto nos aspectos sociais; além do caráter regional que os estudos femininos adquiriram no seu início (BARRETO, 1991). BARRETO, Elba. *Mulher brasileira: bibliografia anotada*. (Vol.1). São Paulo: Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1991.

Mesmo com essas partículas soltas, podemos analisar para onde estavam voltados os espaços dessas mulheres, até então invisíveis da historiografia. "nas ruas só se encontravam as escravas negras e as mulatas"¹⁴.

¹⁴FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15 ed. São Paulo: Global, 2004. p.144.

Freyre relata que essas seriam o grande perfil de mulheres tidas como pobres. Porém também existiram as brancas e pardas que se enquadravam nesse perfil e que foram postas numa só “categoria”. A elas eram destinados os trabalhos mais pesados, além claro das suas atribuições naturais. Sobre esse aspecto, a autora Miridan Falci faz uma análise das mulheres do sertão do Piauí e Ceará onde ela diz o seguinte:

O isolamento do sertão, as condições locais de povoamento, as condições ambientais de clima e a formação de uma sociedade patriarcal altamente estratificada influíram nas especificidades das mulheres do sertão. Lugares diferentes, historicidades específicas podem conduzir a outros signos, outras representações do mundo feminino (FALCI, 1997, p. 275). FALCI, Miridan. Mulheres do sertão nordestino. In DEL PRIORE, Mary (Ed.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p.241-277.

A historiadora fala de como para as mulheres pobres o casamento era realmente um destino traçado, que alteravam o modo como elas estavam inseridas nessa sociedade patriarcal.

As funções de babás, lavadeiras, doceiras, engomadeiras, costureiras que habitavam os espaços das ruas e sobreviviam desses trabalhos. O que para alguns era apenas a representação de uma tarefa rotineira, para elas era uma forma de sobrevivência onde podiam ajudar na criação e sustento dos filhos e também, fazia parte da socialização, mesmo que de forma “inferior”. As mesmas, eram criadas das senhoras de elite e ainda tinham suas tarefas de casa para realizarem. Outro afazer também de sua responsabilidade era exercido quando seus maridos não podiam, por viajarem, ausência comum, elas compravam os suprimentos para casa. Alguns chegavam a cuidar do comércio do marido quando esse não estava presente. Elas participavam das atividades que lhes cabiam, estando sempre transitando pelas duas esferas sociais.

Referente ao Piauí, essas figuras femininas de classe mais baixa tinham algumas formas de diversão como explicito abaixo:

“As mulheres das camadas mais populares participavam não só do carnaval, como também do cinema que se caracterizava por ser uma diversão barata e por isso mesmo, acessível aos menos providos de recursos financeiros. Por volta da década de 1920, quando as elites passaram a repudiar velhas tradições, como são João e outras festas tradicionais agora vistas como incivilizadas, as

camadas populares continuam e festejam os folguedos dos congos, dos marujos, o bumba meu boi, e outras. As mulheres sempre estavam presentes nesses folguedos e brincadeiras. Enquanto as senhoritas da elite eram fortemente vigiadas, algumas mulheres das camadas populares gozavam de relativa liberdade e tinham por isso mesmo uma participação maior nos espaços urbanos. Seu espaço principal de movimentação eram os bairros da periferia como o Cajueiros, o Barroco e a região da baixa da Égua¹⁵.

Uma informação interessante era o fato delas terem uma liberdade maior do que as mais ricas, podendo se dispor de mais tranquilidade ao “perambular” pela cidade, executar suas tarefas sem serem cobradas tão intensamente como as outras. Apesar de não poderem estar presente nos ambientes que as mais ricas frequentavam. Havia também os bailes, nos quais a organização ficava por parte das mesmas, era algo que podiam participar ativamente e sempre dentro de sua realidade. Mas, de certo modo, estavam ali presentes executando esses afazeres, que as tiravam das suas tarefas do ambiente familiar. Assim sendo, é evidente que de maneira direta e indireta, as mulheres exerciam seus papéis, e que aos poucos foram conquistando outros espaços através de novos conhecimentos como da escrita e domínio da leitura.

Parcelas desses acontecimentos, somente se tornam conhecidos, a partir a abertura da nova história, a qual possibilitou observar de maneira mais minuciosa esses quadros. Essa conjuntura, demonstra a importância de percebermos os espaços públicos sendo utilizados de forma que fossem relatadas por outros homens e mulheres que passaram e que vivenciaram aquela realidade.

¹⁵CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres Plurais. A condição feminina em Teresina na Primeira República. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996 p.61.

CAPITULO 2: Mulheres, discursos e representações no Piauí oitocentista

Durante séculos os discursos em torno da figura feminina tiveram muitas representações da presença feminina mesmo havendo tantas diversificações na representatividade como é notório, estavam sempre atreladas às coisas corriqueiras que fizeram crescer e se consolidar durante muito tempo o discurso do patriarcalismo.

Dentre as maiores formas de resistência e de uma maior representação, a escrita e a aparição da mulher na escrita de revistas e jornais tenham sido uma das mais eficazes formas de estimularem outras mulheres sem que fosse preciso sair das paredes dos seus lares. A participação delas em meios de imprensa no Piauí, como nos jornais apesar de usarem pseudônimos dificultando a confirmação de sua identidade, não deixa de ser uma forma segura e pratica para atuarem sem precisar passar por muitos desconfortos.

Parte significativa dos periódicos literários publicados no Piauí no final do século XIX e primeiras décadas do século XX tinham como títulos nomes de objetos relacionados à juventude, a invenções tecnológicas e a elementos que remetiam à cultura letrada e aos salões literários. Nesse sentido, pode-se aludir aos periódicos A Lâmpada (1882), A Harpa (1883), O Fonógrafo (1886), Revista Mensal de Literatura Ciências e Arte (1887), O Telefone (1883-1889), A Luz (1901), Aurora (1907), A Mocidade (1928), A Palavra (1902), A Pena (1902), O Automóvel (1922 - 1924) entre outros (PINHEIRO FILHO, 1997).

Algumas mulheres não seguiram esse padrão vivido pelo modelo patriarcal e passaram a se inserir na sociedade buscando sua própria representatividade. Sobre o patriarcalismo é entendido segundo Helena Hirata dessa forma.

[...] o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de "dominação masculina" ou de opressão das mulheres. [...] "Patriarcado" vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando). Essa raiz de duplo sentido em arcaico e monarquia. Para o grego antigo, a primazia no tempo e a autoridade são uma só e a mesma coisa. Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai. (HIRATA, Helena, 2009).

Ainda sobre essa explanação Patemam assim se expressou:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato social é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprias (PATEMAN,1993: 16-17).

Elas adentraram em lugares até então masculinos e mesmo havendo resistência persistiram e hoje seus nomes estão em grandes produções historiográficas ou em menos que isso, mas presentes em escritas sobre que buscaram na sua realidade meios para fazerem o que gostavam.



Imagem 01: Luiza Amélia de Queiroz Brandão, Primeira mulher escritora e poetiza piauiense.

Fonte: www.google.com.br/search?q=luiza+amélia+de+queiroz+brandão&biw=1242&bih=597&Tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=3DFhg4qR6gLclM%253A%252C-

Dentro dessas representações Luiza Amélia de Queiros Brandão, uma piauiense nascida em Piracuruca em 26 de dezembro de 1838, considerada a primeira poetisa piauiense. Filha de Manuel Eduardo de Queiroz e Vitalina Luiza de Queiroz, a jovem só recebera os conhecimentos básicos, pois como visto a educação, principalmente de mulheres eram “limitadas” e precárias. Mesmo assim, ela acabou fazendo do seu esforço próprio uma forma de ampliar sua intelectualidade e conseguiu publicar durante sua vida poemas e escrever livros que se tornaram bastante lidos. Em um de seus poemas intitulado A Mulher publicado no livro Flores inculta ela escreveu o seguinte.

A mulher que toma a pena,
 Para lira a transformar.
 É, para os falsos sectários,
 Um crime que os faz pasmar!
 Transgrida as leis da virtude
 A mulher deve ser rude Ignara por condição!
 Não devem aspirar a glória!
 Nem um dia na história fulgurar com distinção!
 Mas eu que sinto no peito,
 Dilatar-me o coração,
 Bebendo as auras da vida,
 Na sublime inspiração:
 Eu que tenho uma alma grande,
 Uma alma audaz que se expande
 No espaço a voejar.
 Não posso curvar a fronte nesse estreito horizonte
 E na inércia ficar! (NUNES, 1875).

Nesse poema ela expõe e questiona o papel e a condição feminina nesse período que relançava a delicadeza da mulher e a colocando como atuante na sociedade apenas de forma sutil sem se impor, sendo apenas um mero enfeite. Luiza Amélia tornou-se uma grande exceção dentro de uma sociedade muito patriarcal no final do século XIX, conseguiu ser um pouco mais instruída em meio a uma alta taxa de analfabetismo sobretudo entre as mulheres e pobres ela se destacou na literatura área onde a predominância era masculina.

Além do livro Flores Incultas (1875). Ela também publicou Georgina ou os Efeitos do Amor (1898) que também prevalece um olhar questionador a respeito do lugar da mulher na sociedade, seu papel, sua importância nesse convívio social. A escrita dela começa a estimular a curiosidade das mulheres que tem acesso a essa escrita fazendo com que a leitura feminina seja estimulada embora de maneira sutil e amedrontada.

Não me julgues feliz donzela,
Não me invejes querendo imitar;
Desta vida que julgas tão bela,
Deus te livre das dores provar. [...]
Qual o louro que a fronte me cinge?
Qual a glória que eu posso alcançar?
Nesta terra que trama-se e finge
O que posso de bom esperar? (NUNES, 1875:191 - 193).

Nesse outro poema a autora fala das críticas sofridas por buscar na literatura uma forma de protesto e refúgio de uma sociedade onde as mulheres não tinham o mesmo direito de voz dos homens.

Dando continuidade as figuras de mulheres que saiu dos padrões impostos pela sociedade da época. Essa a qual demonstrou, bravura, quebrou muitas barreiras imposta as figuras femininas, e decide se voluntariar para a guerra no Paraguai. A jovem destemida Jovita Alves Feitosa (Inhamuns-CE e Jaicós-PI), apesar das controvérsias e incertezas na história de Jovita, o fato é que uma mulher em pleno século XIX achou se no dever de lutar junto a bandeira do seu país na Guerra do Paraguai. Ela se alistou ao exército em Teresina- Piauí em dezembro de 1864 a março de 1870.

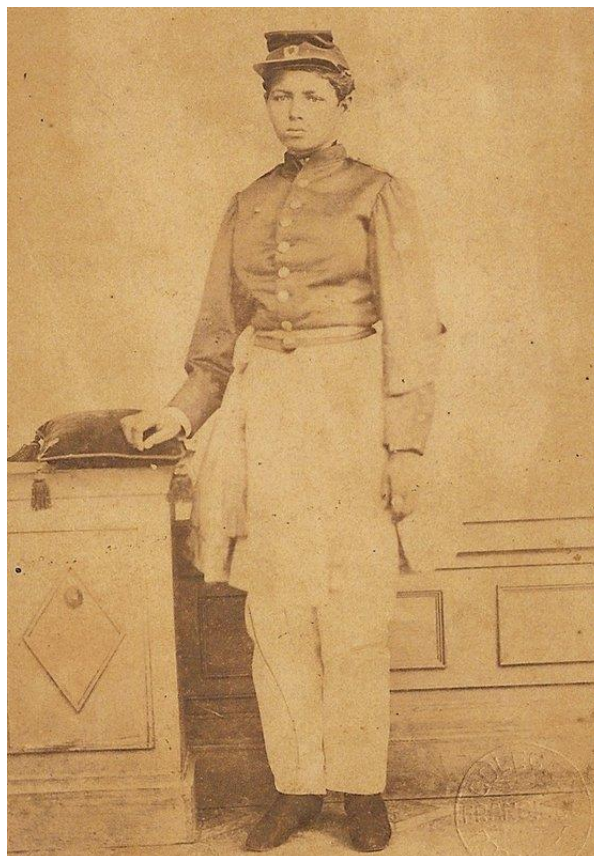


Imagem 02 : jovem Jovita Alves Feitosa vestida no uniforme Militar.

Fonte: www.google.com.br/search?q=jovita+o+diario+imperial+foto+de+jovita&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=3ISiXNogCzuuWM%253A%252CrdY2tEo3CJ_YyM%252C_usq=A14_-

Nesse contexto sobre a vida de Jovita, no início da guerra com o Paraguai a imprensa escrita teve sua parcela de influência segundo a autora Maria Tereza ela serviu como:

instrumento para incentivar o sentimento de nacionalidade e entusiasmo patriótico da população, transmitiam a muitos jovens brasileiros o amor pela pátria e a vontade de "servir ao Brasil". O caso mais conhecido de alistamento de Voluntários da Pátria foi bastante registrado pela imprensa da época[...] (DOURADO, 2003:85).

A jovem Jovita não conseguiu participar de fato da guerra por ter sido descoberta em sua tentativa de servir disfarçadamente de homem, porém tornou-se uma figura popular gerando discussões e opiniões divididas a respeito de tal atitude. Parte da imprensa, por exemplo, fizeram alguns elogios a respeito de tal coragem.

Em uma declaração escrita no jornal comercio do dia 27 de agosto de 1865 onde o autor se intitulou de “O Admirado” ele dizia o seguinte:

Será possível que o belo sexo de algumas províncias esteja dando o exemplo, oferecendo-se para o serviço de guerra e alguns Srs. Oficiais do efectivo serviço ainda empregados nas fortalezas e comissões outra, que podem ser substituídos pelos reformados!!! (MATTOS, 2001:20).

A fama de Jovita se espalhou e no mesmo ano em 14 de setembro do mesmo ano, outra pessoa usando o anonimato se identificando apenas com as iniciais J M C expôs uma crítica ao presidente da província do Piauí que no período era Franklin Dória o confrontando por permitir o alistamento de Jovita ele disse da seguinte forma:

A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militarão é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do segundo batalhão de voluntários do Piauí.... a mulher poderá servir quando muito para fornecer um ou outro cartucho um ou outro cantil d'água...,mas não poderá jamais lançar mão de um sabre e bater-se quando se apresentam as ocasiões (Ibidem.:22)

A pessoa que escreveu tal crítica deixa claro que a ajuda feminina nesses casos devem ser exercidas apenas dentro das funções de mulheres, ou seja, elas poderiam até ser aceitas nos campos de batalhas, mas não para desempenhar os mesmos afazeres masculinos, lá elas deviam ser cozinheiras e ajudantes nas enfermarias e etc. mesmo sofrendo tantas críticas a jovem se engajou e passou por lugares como São Luís no Maranhão, Pernambuco no Recife , Bahia em Salvador e sempre festejada por ser uma pioneira em querer adentrar no cenário de guerra como uma soldada. Monsenhor Chaves explica de uma melhor sobre isso.

Com o 2º Corpo de Voluntário da Pátria, que saiu de Teresina em 10 de agosto de 1865, viajou uma moça cearense, de Inhamuns, Jovita Alves Feitosa, de 17 anos, domiciliada em Jaicós e que se apresentou em Teresina como Voluntário. Até hoje nunca ficou bem claro se, na primeira hora, o Governo Provincial aceitou ou não o seu engajamento como praça. Pelo menos ela se tinha nesta conta e partiu com o batalhão trajando farda e calça branca com um saiote vermelho, ostentando as insígnias de 2º Sargento [...]. No Recife as manifestações foram ainda mais estrondosas. Jovita foi cantada em prosa e verso na imprensa pernambucana. Na Bahia, a mesma

coisa. Ela foi hospedada no próprio Palácio da Presidência. [...] No Rio, às autoridades militares superiores não interessavam mitos e sim soldados (CHAVES, 1988:240-241).

O governo e nem as autoridades da época aceitaram de bom grado essa atitude da jovem e em um jornal da época foi publicado o seguinte:

[...] S. Excia. Disse que essa rapariga, animada como se mostrava do desejo de prestar a sua terra um serviço qualquer, nas atuais circunstâncias, poderia ser aproveitada como enfermeira, nos hospitais de sangue, a exemplo de outras, se não pudesse sê-lo nos campos de batalha. Não a fez assentar praça de soldado, nem ela jurou bandeira; a graduação de sargento que lhe deu o Comandante do Corpo, foi um meio de proporcionar-lhe um maior vencimento para melhor ocorrer às suas necessidades (Jornal A Imprensa 28/10/1865. Apud. CHAVES, **Op. cit.**, 1988:.242).

Seguindo sobre as manifestações de opiniões sobre a atitude de Jovita Visconde de Taunay mesmo com sua carga de preconceito e ironia, chegou a elogiar a atitude das mulheres que se prestavam tal serviço. E se referiu principalmente a Jovita:

Chegaram os retratos do Viegas, o meu antigo inspetor, e da interessante Jovita que me pareceu muito engraçada nos seus trajes de primeira Sargenta. Entretanto Polidoro, como homem de muito juízo e bom senso fez muito bem não consentindo na partida daquela patriota como soldado. O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isso e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que, para uma mulher, é mais nobre sanar feridas do que as abrir (TAUNAY, 1944:119).

Como não pode servir da maneira que desejara e também não foi como voluntaria enfermeira já que não possuía conhecimentos para tal, regressou ao Piauí como esta explicita no dialogo adiante:

Jovita voltou ao Piauí. Deve ter sido muito melancólica sua volta passando despercebida pelos mesmos portos onde fora, meses antes, tão festejada. Aqui chegando, enquanto conseguia passagem e recurso para viajar a Jaicós, esteve hospedada em casa de família, a pedido da Presidência. Em Jaicós sua família a recebeu muito mal. Desgostosa, ela regressou ao Rio e ali desapareceu num anonimato infeliz e de pouca duração. A única notícia que dela vamos ter depois será também a última, e muito trágica: "Suicidou-se anteontem, à

tarde na casa da praia do Russel, nº 43, Jovita Alves Feitosa" [...] (Ibidem).

A trajetória de Jovita assim como muitas mulheres que não foram citadas, mostra a presença e força de diversas personalidades que mesmo com tantas limitações impostas a elas, não foi o suficiente para anular sua contribuição à sociedade atual.

A história de Jovita percorreu diversos lugares e sua imagem foi “usada” como uma propaganda para encorajar o recrutamento dos demais patriotas que ainda não tinham se alistado para lutar. Sua imagem foi utilizada pela mídia da época como uma “heroína nacional”. O historiador Johny Santana de Araújo em seu livro **BRAVOS DO PIAUÍ ! ORGULHAI-VOS. SOIS DOS MAIS BRAVOS BATALHÕES DO IMPÉRIO: A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai, 1865 – 1866** retratam também sobre a figura de Jovita descrevendo como os jornais da época fizeram inúmeras publicações a respeito do caso dela. Em uma das citações utilizadas pelo historiador, do jornal *O Paiz*, de São Luís do Maranhão, que foi transcrito pelo jornal *A Imprensa*, na mesma edição em que noticiou sobre a recepção feita a Jovita em São Luís do Maranhão.

Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império. Sois dos mais valorosos, Sois dos mais heróicos. Acompanha-vos uma heroína. [...] Sim piauienses, esta passagem, virgem nos anais de um povo novo, seja um estímulo para vós. Vede que o sexo frágil vos acompanha. E' a visão de nosso Exército. E' o anjo dos Voluntários do Norte para vós. Vede que o sexo frágil vos acompanha. E' a visão de nosso Exército. E' o anjo dos Voluntários do Norte (A Imprensa, 1865 p.106 Apud Araújo, 2011).

Na cidade de Salvador as festividades para recepcionar a encantadora jovem também foi noticiado no jornal *Diário da Bahia*.

A maior novidade que há por aqui é a presença da célebre Jovita Alves Feitosa. [...] Aqui chegando o *Tocantins*, o sr Tenente-Coronel José Lustosa saltou em terra e com ele, mas não sem acanhamento saltou também essa interessante rapariga, que na sedutora idade dos dezoito anos se apresenta ao país inteiro com a única celebridade de seus heróicos sentimentos, Hospedando-se no palácio da Presidência, onde foi recebida com admiração devida a singularidade de seu patriotismo [...] foi bem depressa e por largas horas objeto de imensa especiação pública: a praça do palácio converteu-se num grande anfiteatro, e a nova Hermes, em espetáculo para uma multidão de curiosos, apresentando-se de

quando em quando nas varandas do paço presidencial (Diário da Bahia. 1865 p.106 Apud Araújo, 2011).

Uma mulher que se mostra solidária a situação do seu país se arriscando em um campo de batalha quando até mesmo bravos soldados se sentem contrariados em partir rumo a essa situação, é um fato interessante de se noticiar. É o que aparentemente fica entendido ao ler se tais notícias. Ao que se aparenta no Rio de Janeiro foi o local onde a mídia mais explorou a imagem que Jovita gerou nesse período no jornal Diário do Rio de Janeiro publicou a grande festividade com que ela foi recepcionada.

Espectáculos. Teatro de São Pedro de Alcântara. Hoje. Terça-feira. 12 de setembro de 1865. Grande espetáculo em aplauso à chegada do segundo corpo de voluntários do Piauí, onde vem incorporada a jovem heroína brasileira Jovita Alves Feitosa. Hino Nacional – pela orquestra. A atriz Ismênia em caráter militar, e toda a companhia em trajes de voluntários, cantarão o novo hino ‘A Espartana do Piauí’. Drama militar – Recordações da guerra peninsular pela atriz D Loduvina em caráter de guerreira, será recitada uma poesia alegórica ao ato. O Exmo. Comandante, oficialidade e a jovem heroína dignam-se assistir em camarotes a este espetáculo (Diário do Rio de Janeiro, 1865 p. 105 Apud Araújo, 2011)

O voluntariado da jovem mulher era uma ferramenta importante para explanação do sentimento de patriotismo e de “amor verdadeiro” pela sua nação. Uma forma de conscientização do quanto a causa era importante. Em uma nota do jornal Commercio é perceptível o quanto o uso da imagem de Jovita como propaganda de alistamento para a guerra do Paraguai parece surtir efeitos aos que acompanhavam o desenrolar dessa história.

Não nos admira que o presidente do Piauí a aceitasse e a fizesse marchar para esta corte; não nos admira que ainda que os especuladores a façam apresentar-se nos teatros, cobrindo-a de flores, bravos e palmas; não nos causa admiração que a abnegação dela fosse tanta que deixasse seu pobre pai e tenros irmãos por amor à pátria; nada disso nos faz admirar; o que unicamente admiraremos é que o Exmo. sr. ajudante general do exercito consinta que essa heroína marche para o teatro da guerra. Foi um oferecimento justo, honesto, nobre e muito patriótico; mas cumpre, para honra e moralidade do país, que ele não seja imitado (Jornal do Commercio, 1865 p. 108 Apud Araújo, 2011).

A campanha de alistamento em torno da exposição da figura de Jovita teve como desfecho a negação de seu alistamento em setembro de 1865 através da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra a ordem foi dada ao comandante do corpo, o Tenente Coronel José da Cunha Lustosa.

Ilmo. Sr. Não havendo disposição alguma nas Leis e Regulamentos militares que permita a mulheres terem praça nos Corpos do Exército, nem nos da Guarda Nacional, ou de Voluntários da Pátria, não pode acompanhar o corpo sob o comando de V. S. com o qual veio da província do Piauí a voluntária Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça do mesmo corpo, mas sim como qualquer outra mulher das que se admitem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compatíveis com a natureza do seu sexo, serviços cuja importância podem tornar a referida voluntária tão digna de consideração, como de louvores o tem sido pelo seu patriótico oferecimento: o que declaro a V.S. para seu conhecimento e governo (GÓES, Damião de, op. cit., p. 27. P. 110).

A figura de Jovita Alves Feitosa acabou por ser proveitosa, a imprensa, as festividades e todo o espetáculo gerado por sua atitude rendeu para o governo uma imagem de patriotismo real que serviu de exemplo para incitar aos demais, amor e “fidelidade” a Pátria amada Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retratarmos sobre a condição feminina no século XIX é perceptível mesmo que de maneira fragmentada a participação dessas mulheres através de muitos quefazeres. Essas figuras femininas encontraram em suas obrigações cotidianas (em outros casos não), uma forma de “existirem” na sociedade de participar do fluxo social já que em muitos casos como visto não possuía esse privilégio. O século XIX passou por muitas mudanças no que se diz respeito ao desenvolvimento urbano e também a inserção da mulher no meio de vivencia desse espaço. Desse modo a escrita, dentre outros fatores como apresentados no decorrer do trabalho, faz com que entendamos esse processo de desenvolvimento e compreendamos que mesmo de maneira sutil, ou não, a mulher estava transitando nesses espaços, desde sociedades mais remotas, até chegarmos ao período em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP. 1998.

ARAÚJO, E. Arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto. 2004.

ARAÚJO, Johny Santana. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos...** A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865 - 1966. Teresina: EDUFPI, 2011.

ARAUJO, H. C. As mulheres professoras e o ensino estatal. Em: Educação e realidade. **Mulher e educação**. Vol. 15. n. 2. 1990.

ARISTÓTELES, P. Trad. **Nestor Silveira Chaves**. 14ª. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999.

AULA, P. **A Época**. Teresina, ano III, n402. p.3,28 abr.1886.

BRANCO, P. V. C. **Mulheres Plurais**. A condição feminina em Teresina na Primeira República. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

BURKE, P. **A escrita da história-novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

CAUQUELIN, A. **Aristóteles**. Trad. **Lucy Magalhães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. v. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto. 1997. 678p.

_____. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2006.

CHAVES, M. **Obras completas**. S/ed. Teresina-PI: Fundação Monsenhor Chaves, 1988.

DOURADO, M. T. G. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai**. Dissertação (Mestrado em História) - UFMS. Campo Grande-MS, 2003.

FREIRE, G. **Sobrados e Mucamos**. Rio de Janeiro: Record. 2002.

HIRATA, Helena. Et al. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP. 2009.

JOHNSON, P. **Sócrates: um homem do nosso tempo**. Trad. Leila Kommers. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012.

LEITE, M. L. M. **Livros de viagem**. São Paulo: Edusp. 1997.

MATTOS, K. **Jovita Feitosa**. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2001.

NUNES, L. A. Q. **Flores incultas**. Parnaíba, PI: [S.N.], 1875.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p.16-17.

PERROT, M. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

PERROUT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto. 2007.

PHILIPPE, M. D. **Introdução à Filosofia de Aristóteles**. Trad. Gabriel Hibon. São Paulo: Paulus. 2002.

PINHEIRO FILHO, C. **História da imprensa no Piauí**. 3ª ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

PLATÃO.A. R. **Trad. Enrico Corvisieri**. São Paulo: Nova Cultural. 2004.

PRIORE, M. D. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2011. 254p.

QUEIROZ, T. J. M. **As diversões civilizadas em Teresina: 1888 – 1930**. Teresina: Fundapi, 2008.

_____. **Educação no Piauí: 1880-1930**. Imperatriz: Ética, 2008.

TAUNAY, A. D`. **Cartas da Campanha de Matto Grosso: 1865 a 1866**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca Militar, 1944. VERDE, Rosiane Lima. Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. In: **I Congresso Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB e III Encontro do IPHANarqueólogos**. Florianópolis, 30/09 a 04/10 de 2007. p.1-10.

AULA, P. **A Época**. Teresina, ano III, n402. p.3,28 abr.1886



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Bruna Alves da Silva,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Quefazeres Sociais da Mulher piauiense no Século
XIX: Centro de discursos e representações
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Maio de 2019.

Bruna Alves da Silva
Assinatura

Bruna Alves da Silva
Assinatura